

Uma nova ara votiva de Viseu (Beira Alta, Portugal)

Luís S. Fernandes*, Pedro Sobral Carvalho, Nádía Figueira**

Resumo: *Dá-se a conhecer uma nova ara votiva de Viseu, encontrada em 2009. O achado tras novidades relativamente aos estudos paleo-hispânicos e ao nome pré-romano da capital de ciuitas sediada em Viseu (Prouíncia Lusitania).*

Résumé: *Notice sur un nouvel autel votif trouvé à Viseu en 2009. Le document apporte des nouveautés pour les études paleo-hispaniques et pour le nom pré-romain de la capitale de la civitas qui avait son centre a Viseu (Lusitanie).*

Palavras-chave: *Beira Alta, Epigrafia, Historia Romana, Viseu, Vissaieigus*

Mots clés: *Beira Alta, Epigraphie, Histoire Romaine, Viseu, Vissaieigus*

Introdução

Em Janeiro de 2009, foi encontrada uma nova ara votiva na cidade de Viseu (Beira Alta, Portugal). Viseu foi capital de *ciuitas*, pelo menos desde a época do Imperador Cláudio, como atestam diversos miliários e vestígios imponentes das muralhas, entre outros achados¹. Apresenta-se uma notícia sumária do achado, que será objecto de estudo mais aprofundado².

* Universidade Católica de Viseu

** Arqueólogo

1. Cf. J. ALARCÃO, *A Cidade Romana de Viseu*, Viseu 1989; J.L.I. Vaz, *A Civitas de Viseu. Espaço e Sociedade*, Viseu 1993; P.S. de CARVALHO; A. de CHENEY, «A muralha romana de Viseu: a descoberta arqueológica», in *Murallas de Ciudades Romanas en el Occidente del Imperio. Lucus Augusti como Paradigma. Actas del Congreso Internacional*, Lugo 2007, pp. 720-745.

2. A ara foi dada a conhecer no X Colóquio Internacional Sobre Línguas e Culturas Paleo-Hispânicas (Lisboa, 26-28/02/09), estando prevista a publicação da comunicação aí apresentada pelos signatários deste texto nas respectivas actas.

Circunstâncias e contexto arqueológico do achado

A ara foi encontrada no âmbito de acompanhamento arqueológico da abertura de uma vala para colocação de tubagens, na Travessa da Misericórdia, referente à obra de instalação de um funicular, obra esta a cargo da ViseuPolis.

Os trabalhos arqueológicos, da responsabilidade da empresa Arqueohoje, incluíram igualmente a escavação de uma vasta área imediatamente próxima que per-

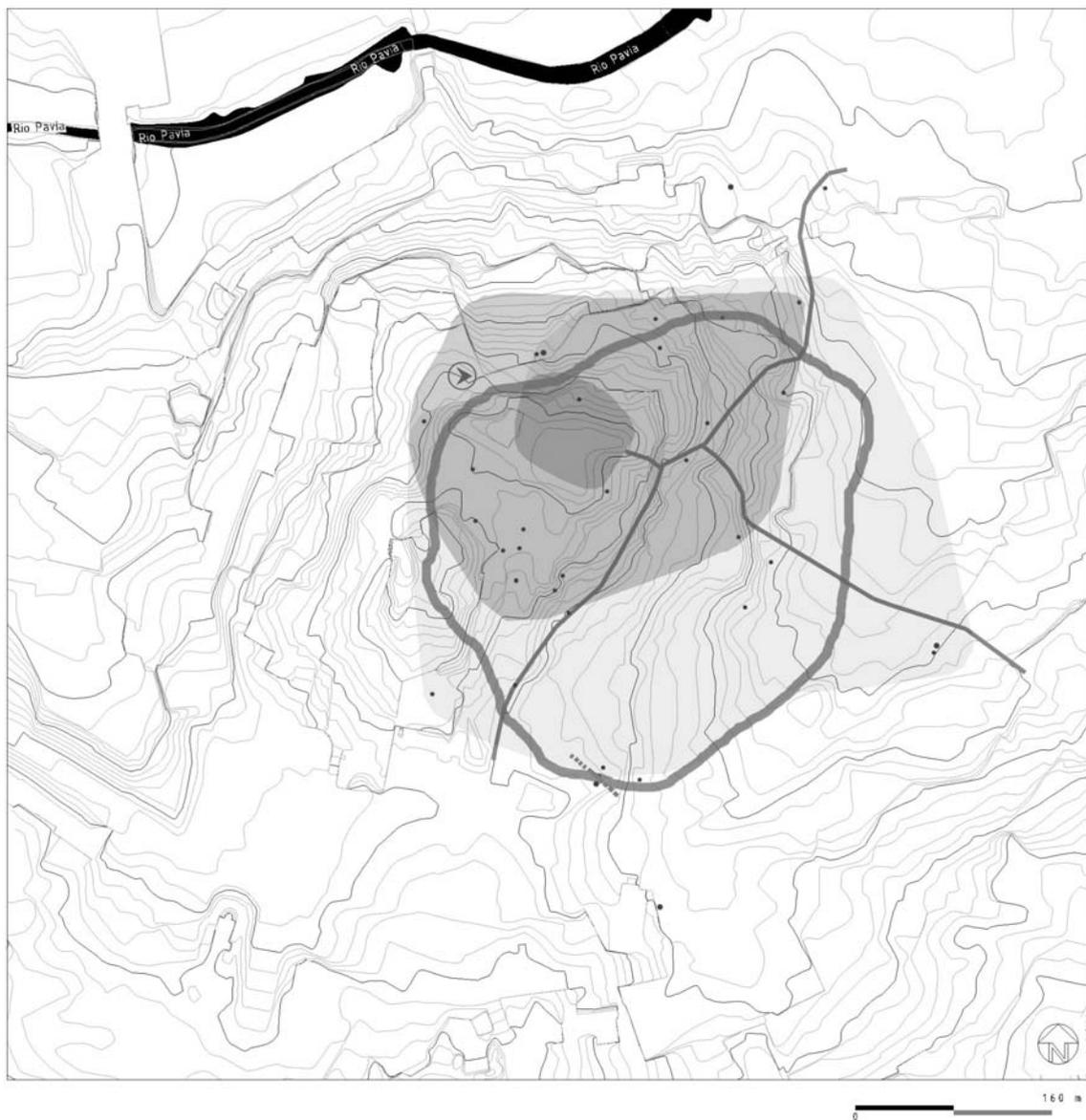


Fig. 1

mitiu identificar e registar várias estruturas da Idade do Ferro e uma necrópole romana (fig. 1).

Assim, e em termos sucintos, esta ara foi achada na colina do morro da Sé, muito perto do que seria a acrópole da cidade romana. Efectivamente, o local de achado da ara encontra-se a cerca de 50 m do *forum* que estaria situado no topo do morro. Este foi também o ambiente do povoado proto-histórico que antecedeu a urbe romana. Hoje temos registos arqueográficos que nos permitem definir o povoado pré-romano, como um importante centro populacional da II Idade do Ferro (séc. IV/III a. C.) com cerca de 6ha de área, com um reduto defensivo caracterizado por um sistema de fossos abertos no substrato rochoso e um ambiente doméstico caracterizado por casas de pisos de argila, de planta circular, fornos e silos³.

Comentário epigráfico

A ara, de granito e de grandes dimensões (101 × 43,5 × 34,5 cm), apresenta um elegante capitel com frontão triangular (à frente e atrás) e toros laterais; no topo foi escavado um fôculo circular central. Foi trabalhada nas quatro faces e ostenta moldura sob a cornija e na base. No momento da descoberta, o monumento sofreu algumas escoriações que danificaram parte do capitel (fig. 2). Em termos gerais, é uma ara bem proporcionada, que revela um trabalho cuidado.

O campo epigráfico não foi delimitado. A paginação do texto tende a seguir o eixo de simetria. A gravação das letras é igualmente cuidada. Na 1ª linha, a fratura da pedra afectou parcialmente o R final, tal como o O da 4ª linha, ainda assim perceptíveis. Os poucos nexos utilizados (linhas 3: EI, 4: IE; 7: AE) são também facilmente identificáveis.

A leitura do texto não oferece dificuldades de maior:

DEIBABOR
 ^IGO
DE^IBOBOR
VISSA^IE^IGO
 BOR
 ALBINVS
CHAERE^AE
 F
 V S L M

3. Os finais dos anos 90 do séc. xx foram um marco importantíssimo no estudo das origens da cidade de Viseu, pois correspondem ao período em que começaram a ser efectuadas intervenções arqueológicas de emergência e de salvamento de uma forma sistemática. Fruto deste investimento, podemos hoje ter uma imagem muito mais concreta do povoado da Idade do Ferro e da urbe romana que deu origem à cidade.

O dedicante (*Albinus Chaereae f(iilius)*) apresenta uma estrutura onomástica de tipo peregrino. *Albinus* é um antropónimo bem documentado na região⁴. Quanto ao nome do pai, *Chaerea*, corresponderá a um antropónimo raro, atestado como *cognomen* na Península Itálica⁵. A fórmula votiva utilizada –*v(otum s(oluit) l(ibens) m(erito)*– é conhecida na epigrafia na região.

No que respeita aos teónimos (linhas 1 a 5), a interpretação do texto suscita diversas questões; nesta fase da investigação, as propostas apresentadas são ainda preliminares. Uma das hipóteses a considerar seria a de admitir uma invocação a *Diis Deabusque*, associada ao epíteto *Borigus / Boricus* (relativo a «monte»?) e ao *genius loci* (*Vissaieigus*). Em alternativa à forma latina esperada (*Dibus / Deabus*), estaríamos na presença de flexões características das línguas locais (*Deiba / Deibo*). Todavia, tal hipótese não resolve satisfatoriamente todas as dúvidas levantadas pelo texto, sendo interessante a comparação com a invocação a *Deibabo Nemuceilaicabo*, registada em Avelelas, Chaves⁶.

Seja como for, parece claro que a ara dá a conhecer, pela primeira vez, o nome pré-romano de Viseu, identificável em *Vissaieigus*⁷. Efectivamente, embora essa origem pré-romana do nome de Viseu fosse normalmente aceite, este só estava atestado desde o século VI, no *Parochiale Sueuum*, sob a forma *Viseo*⁸.

Conclusão

A ara pode ser datada de meados / 2^a metade do século I d.C., pela análise paleográfica, sendo assim um dos mais antigos monumentos epigráficos de Viseu. O seu estudo preliminar permite concluir que é um monumento com especial importância para os estudos paleo-hispânicos, bem como para o conhecimento do panorama religioso e do nome pré-romano da *ciuitas* sediada em Viseu.

4. VAZ, *A Civitas de Viseu...*, cit., p. 262, por exemplo.

5. Vide W. SCHULZE, *Zur Geschichte Lateinischer Eigennamen*, Berlin, Zürich, Dublin 1966, p. 354.

6. Cf. A. GUERRA, «Povos, cultura e língua no Ocidente Peninsular: uma perspectiva, a partir da toponomástica», in *Palaehispanica* 5, 2005, pp. 794-795. Aliás, durante o Colóquio de Lisboa (vide n. 2), Blanca Prósper colocou uma hipótese alternativa, excluindo a presença de um epíteto *Borigus* e apontando para uma invocação às deusas e deuses «vissaieigenses», leia-se ‘de Viseu’.

7. A opinião dos especialistas presentes no Colóquio de Lisboa (n. 2) foi concordante a esse respeito.

8. Vide ALARCÃO, *A Cidade Romana...*, cit., p. 19; VAZ, *A Civitas de Viseu...*, cit., pp. 347-348; A. GUERRA, «Nomes de cecas visigodas no Noroeste Peninsular e toponímia pré-romana», in R.M.S. CENTENO, M.P. GARCÍA BELLIDO y G. MORA (coords.), *Rutas, Ciudades y Moneda en Hispania* (Anejos de AEspA XX), Madrid 1999, pp. 426-427.



Fig. 2